A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Affonso Vargas*

ASSIGNATURA

Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... $030 réis
Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... $200 »
Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 1$200 »
Numero avulso..... $040 »

Publicação quinzenal

N.º 17

Junho de 1886

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor, Brito Nogueira, rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa.
Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

QUESTÕES SOCIAES

IV

As leis que Carlos Darwin, o grande naturalista inglez, teve a gloria de verificar experimentalmente e de fundamentar no seu monumental livro *Origem das especies,* e que, como hoje ninguem ignora, se resumem na lucta pela vida e na selecção natural, que elimina o mais fraco, pela predominancia do mais forte *(the survival of the fittest),* essas leis que a biologia tão brilhantemente se encarrega de demonstrar a cada passo, não permittindo a menor duvida ácerca da sua acção incontestavel, haviam primitivamente sido formuladas por outro grande sabio a quem mais do que uma vez nos temos referido, e cuja poderosa influencia se faz sentir em quasi todos os ramos da sciencia. Fallâmos de Herbert Spencer. O eminente philosopho inglez já no seu livro *Social statics,* publicado em 1851, as deixava delineadas com o seu grande e intuitivo talento, e em 1859, Darwin achava por assim dizer a base critica da descoberta que o primeiro presentíra e esboçára.

Como, porém, Herbert Spencer é um naturalista social, se assim póde chamar-se, as leis que a Darwin serviram no campo da biologia, applicou-as elle mais propriamente ao desenvolvimento das sociedades e ao estudo d'esse outro organismo que se chama um estado, chegando n'esse terreno a conclusões identicas e tão claramente demonstraveis ao seu criterio, que sobre ellas fundou um systema philosophico inteiro, penetrando d'esse espirito todos os notaveis e brilhantissimos trabalhos que successivamente tem publicado desde essa data até agora em que ainda não affrouxou.

No campo social, porém, encontrou Spencer objecções ao emprego das suas leis, como veremos, parecendo-nos comtudo indispensavel expor primeiro qual é o ponto de vista em que elle se colloca antes de analysarmos a natureza d'essas objecções, algumas das quaes, digâmol-o de passagem, nos parecem justas, tirante o respeito devido a um tão grande nome.

Segundo o auctor dos *Primeiros principios,* desde que a sociedade é um corpo vivo, é preciso deixal-a seguir as leis que regem todos os corpos vivos, não lhes perturbando a sua acção em nome de um pretendido progresso.

Essas leis, sendo, como vimos, as que nós achâmos enunciadas na obra dos dois illustres sabios, presuppõem, portanto, no mundo a existencia de um conflicto permanente de idéas, de sentimentos, de aptidões e de motivos em que fatalmente o triumpho ha de pender para o lado onde houver maior somma de energias, não significando, todavia, este facto a victoria do typo mais perfeito, mas simplesmente a do que em si reunir mais facilidades de adaptação.

Em todo o caso uma tal circumstancia, modificando, como era de prever, todo o conjuncto de theorias pelas quaes se procurava d'antes explicar a marcha da humanidade, creou uma nova mechanica social, e esta achou por sua vez origem diversa ás forças que actuam no desenvolvimento intellectual e moral da nossa especie, como a tinha igualmente achado para as que actuam no seu desenvolvimento physico.

Soffreram, pois, uma transformação radical certos factores que determinam esse desenvolvimento, e alteraram-se inteiramente as definições consagradas de muitos termos do problema social, chegando, por exemplo, a palavra estado a ter uma accepção absolutamente opposta á que lhe davam outr'ora os publicistas, como já tivemos occasião de ver.

É n'este campo que se reconhece a influencia assombrosa de Herbert Spencer, e póde afoutamente dizer-se que elle só á sua parte tem revolucionado mais que um exercito de politicos.

Proclamando a soberania dos individuos sobre o estado, assignou a este a simples funcção de proteger aquelles, de garantir-lhes a propriedade e de administrar a justiça, e deixando todas as demais funcções á sua acção exclusiva e particular, tentou apenas systematisar as primeiras.

A rasão que Spencer dá para justificar esta distincção cifra-se em que o estado não póde assumir uns certos encargos sem descurar outros, devendo, portanto, desempenhar apenas os que mais directamente lhe pertencem.

E n'esta ordem de idéas o eminente philosopho, combatendo como perturbadora e anarchica a acção invasiva do estado, critíca os males da legislação

excessiva com que elle procura interferir em tudo e tudo regulamentar, e finalmente, impugnando as modernas tendencias dos governos de alguns paizes para o chamado socialismo official, diz-nos que o que elles preparam é a escravatura universal, *the coming slavery*, que a todos nos espera.

Taes são os motivos que Spencer tem para não acompanhar os espiritos que assim pensam no que elle chama uma regressão historica e uma quebra das leis naturaes.

Ha, diz o auctor inglez, dois typos de organisação social muito distinctos: o typo militante e o typo industrial, caracterisado o primeiro pelo regimen do *status* e o segundo pelo do contrato. O primeiro assimilha-se a um exercito onde cada um é obrigado a desempenhar o seu trabalho sob penas severas, recebendo em troca d'elle o alimento e a paga; o segundo representa um grupo de trabalhadores, trocando livremente os seus serviços conforme um estipendio combinado, e podendo separar-se quando quizerem fazel-o. Emquanto os estados estiverem em hostilidade permanente uns para com outros o governo será concebido pelo typo militante, como na antiguidade, pois que sendo a defeza o principal fim da sociedade deve esta, como o exercito, obedecer a um chefe.

A maneira, porém, que o progresso insensivel da civilisação e as reformas obtidas pelo espirito liberal forem predominando, ir-se-ha fazendo possivel o advento do regimen industrial. Infelizmente as escolas liberaes parece quererem entrar agora n'um caminho opposto, e contra essa aberração dos verdadeiros interesses da humanidade e da marcha natural do progresso levanta-se Spencer, dizendo que por este meio estamos preparando a degenerescencia da nossa raça.

E como agora não nos sobra espaço para mais largamente desenvolvermos os argumentos do illustre sociologista, limitar-nos-hemos a transcrever aqui, para terminarmos este artigo, as palavras em que elle por assim dizer condensa a sua opinião:

«Investigue-se o que a maior parte dos homens de um lado quer reservar á esphera individual, e aquillo que ella concorda em submetter ás decisões do estado, e estará definido o limite que é preciso pôr á acção da auctoridade publica.»

Depois veremos as rasões em que Spencer se funda para pensar assim.

AFFONSO VARGAS.

AGUIA

II

O ninho das aguias está em proporção com o tamanho d'ellas. Serve-lhes para toda a vida, e apenas de tempos a tempos o concertam. É construido sobre as arvores mais elevadas e de preferencia nos sitios agrestes, sobre rochas a pique, á beira dos precipicios, para que menos expostos estejam aos ataques do homem, o seu maior inimigo. Para prover ás necessidades dos filhos caçam constantemente durante o tempo das creações, e assim transportam para o ninho grande quantidade de mantimentos.

O ninho, que chega a ter cinco pés quadrados de superficie, assimilha-se a uma jangada, apenas ao centro tem uma cavidade quasi imperceptivel onde estão os ovos. É formado de troncos grossos ligados com ramos flexiveis e superiormente coberto de juncos, urzes e folhas; não é abrigado, ou o é apenas por alguma saliencia dos rochedos.

A postura é de dois a tres ovos e raramente quatro, de côr branco sujo, malhados de escuro ou avermelhado.

A incubação dura trinta dias.

As aguias novas são primeiramente brancas, depois côr amarello desvanecido, e só aos tres annos têem a plumagem de adultos.

A differença de côres que a mesma aguia apresenta deu logar a que alguns naturalistas a classificassem como sendo de uma especie differente.

A caçada ás aguietas tem muitos perigos, porque defendem o ninho com bastante coragem, e não raro esse divertimento tem custado a vida aos que, perdendo o sangue frio e temendo as garras da aguia, caem para o abysmo sobre o qual o ninho está collocado. Faz-se, porém, a caçada com mais probabilidades de bom exito munindo-se os caçadores de espingardas de dois canos, cordas, e levando o que deve chegar ao ninho uma haste de madeira terminando em uma ponta de ferro. Espera-se o momento em que a aguia sáe de manhã para caçar, e então o individuo armado de lança sobe ao ninho, amarra as aguias pequenas, que tambem já se defendem com as unhas, e se a aguia volta defende-se á lançada se porventura os outros caçadores embuscados em diversos pontos erraram os tiros ou apenas a feriram.

A aguia é muitas vezes a fornecedora do homem que de tudo sabe tirar partido. Quando ella sáe do ninho vão ali buscar os animaes que a aguia caçou e atam as pernas dos filhos, cortando-lhe tambem as pennas das azas. As aguias com os pés fortemente atados conservam-se em contínua agitação, e os paes voltando e vendo o ninho com poucas provisões julgam que elles têem fome e redobram de esforços para abastecer... o homem!

E isto dura bastante tempo, porque sem remiges só muito tarde abandonam o ninho.

AGUIA PEQUENA MALHADA, AGUIA PRANTEADEIRA—PETIT AIGLE, AIGLE TACHETÉ OU AIGLE CRIARD fr. *(Falco nævius*, Linn.—*Aquila nævia* Meyer.—*Falco maculatus* Geml.—*Aquila melanaëtos*, Sav.)

A femea tem $0^m,70$ de comprimento e o macho $0^m,60$, a envergadura é de $1^m,30$. As pennas da cabeça, da cauda e das azas são pardo escuras, mais ou menos anegradas conforme o sexo e a idade; as pernas e as azas na parte inferior são malhadas de branco; a cera e os pés amarellos.

Encontra-se nas montanhas cobertas de arvoredo na Russia, Allemanha, Pyrineus, Suissa, partes orientaes da Europa e no Egypto.

O nome de pranteadeira, foi-lhe dado por fazer ouvir gazeios tristes e lamentosos.

É facil de domesticar, mas não presta para caçar.

Sustenta-se de pequenas aves e reptis, fazendo no verão grande consumo de insectos. Construe o ninho nas arvores altas, pondo sómente dois ovos, marcados com traços vermelhos muito desvanecidos.

AGUIA PEQUENA DO CABO—AIGLE RAVISSEUR fr. *(Falco rapax*, Tem.)

Esta especie de aguia é oriunda do Cabo da Boa Esperança e G. Cuvier denominou-a *petit aigle du Cap*. Tem muitas similhanças com a aguia Bonnelli e a aguia pranteadeira.

O bico é similhante ao da aguia commum; dedos curtos; garras fortes e as pernas cobertas de longas pennas parecem largas botas. A plumagem do macho côr de camurça clara, a cauda parda e sem manchas; cera e tarsos amarellos.

A femea é parda, malhada de ruivo aloirado e com oito ou nove listas negras agaloadas de amarello.

AGUIA GRISALHA DE FRANÇA, JOÃO-O-BRANCO—JEAN-LE-BLANC fr. *(Falco gallicus* Geml.—*Falco brachydactylus*, Wolf.—*Aquila brachydactyla*, Meyer.)

Comprimento $0^m,66$, envergadura $1^m,70$; no estado de repouso as azas excedem o comprimento da cauda; no ventre e parte inferior das azas e da cauda é branca e pela parte superior, parda.

É muito conhecida em França. Sustenta-se de coelhos, perdizes, codornizes e outras aves de pequeno corpo, roubando tambem as gallinhas; na falta d'este alimento da caça aos reptis e pequenos roedores.

Quando bebe mergulha uma parte da cabeça, e, como n'essa posição póde ser surprehendida, tem sempre o cuidado, antes de beber, de olhar em volta para se certificar se existe perigo.

Habita as grandes florestas de pinheiros das partes orientaes do norte da Europa, fazendo sobre elles o ninho e algu-

mas vezes tambem entre as urzes. A postura é de dois a tres ovos de côr *gris*, tirante para ardosia.

Aguia rabalva ou de cauda branca — Pyguargue vulgaire, Gran pyguargue ou Aigle à queue blanche fr. *(Falco albicilla,* Lin.)

1 metro de comprimento e 2m,33 a 2m,66 de cruz; é trigueira arruivada com a cabeça e o pescoço pardo trigueiros e a cauda branca; o bico, a cera e os pés amarello-claros.

No inverno emigra para o norte da Africa, encontrando-se o resto do anno em Inglaterra e Hollanda, França e alguns pontos da Asia.

Vive esta especie em bandos, estabelecendo-se proximo da agua. Logo que o dia desponta todo o bando se põe em movimento, dando caça aos animaes aquaticos, patos, alcyones, mammiferos marinhos, etc.

Wallegren diz que nem mesmo as aves aquaticas que buscam refugio na agua conseguem escapar á aguia rabalva, que espera o seu reapparecimento para as empolgar.

Brehm, dá-nos curiosas informações sobre esta especie:

«Por muitas vezes vi a aguia rabalva na Noruega e nas margens do lago Mensaleh, no Baixo Egypto, e observei sempre que todos os animaes, até mesmo todas as outras aves de rapina, a temem. Rouba a preza á aguia pesqueira, e não duvido até mesmo que ella propria lhe não escape. A audacia e perfeito conhecimento da propria força reune a maior tenacidade. A. de Homeyer viu uma d'estas aves assaltar por diversas vezes um raposo, que podia muito bem defender-se, sendo-lhe affirmado por pessoas dignas de fé e testemunhas presenciaes, que o raposo é quasi sempre victima da aguia, porque esta, perseguindo-o sem treguas, sabe evitar-lhe as mordeduras, e impedir que possa refugiar-se na floresta. É sabido que o gado miudo não escapa á aguia rabalva, que ataca tambem as creanças.

«No norte estabelece a residencia proximo das penedias, á beira mar, onde aninham innumeras aves, e rouba-lhes os filhos dos ninhos. Caça os gansos, arrebata as phocas pequenas ás mães, persegue os peixes, até mesmo debaixo de agua, mergulhando atraz d'elles, comquanto, por vezes, estes atrevimentos lhes sáiam caros. Os kamtchadales contaram a Kittltz que a aguia rabalva é levada para o fundo pelo golfinho, ao qual lança as garras.

«Conta Lenz que uma d'estas aves, voando sobre Havel, ao ver um esturjão precipitou-se sobre elle; mas havia, por certo, presumido em demasia da sua força, porque o esturjão era de peso a não poder ser arrebatado fóra da agua, posto que não fosse tão vigoroso que podesse obrigar a ave a mergulhar e assim corria ao lume de agua como uma frecha, levando a aguia presa ao dorso, com as azas abertas, parecendo um navio navegando a todo o panno. Houve testemunhas d'este espectaculo singular, que embarcaram n'uma canoa e poderam apanhar o esturjão e a aguia; estava esta de tal fórma presa com as garras ao corpo do peixe que não podéra soltar-se.»

Como a aguia real, construe o ninho com segurança e solidez, e por isso lhe serve para muitos annos.

A base do ninho é formada de grossos troncos, sobre estes outros mais delgados, e por cima folhas e pennas que a aguia tira do corpo. O ninho tem de diametro 1m,3 a 1m,6 e 0m,5 a 1 metro de altura; o logar escolhido para a sua collocação é sobre os rochedos escarpados á borda do mar.

A postura é de dois a tres ovos, obtusos, brancos e com algumas malhas avermelhadas. Muito cedo já dão a conhecer os seus instinctos, pois que no ninho estão em constante rixa. Os paes expulsam-os quando elles ainda precisam de carinho e amparo.

Captiva, perde a bravura e torna-se docil.

Ha ainda mais duas especies de aguia rabalva; a Rabalva menor e a Rabalva de cabeça branca — Pyguargue à tête blanche ou Aigle à tête blanche, Buff. *(Falco leucocephalus,* Lin.) Vive na America do Norte e está representada no estandarte dos Estados Unidos. Esta aguia construe o ninho sobre as arvores mais elevadas; alimenta-se de peixe, mas captiva póde sustentar-se com carne.

Aguia do Brazil ou Urubitinga — Urubitinga fr. *(Falco urubitinga, Aquila brasiliensis,* Gmel.)

Tem 0m,69 de comprimento, e 1m,57 de envergadura; bico negro alongado e adunco desde a base; a cera amarella; corpo trigueiro anegrado com uma mistura de cinzento nas azas; a cauda, comprida e larga, tem as pennas brancas com uma parte negra quasi no extremo. Estas côres são as mais geraes, porque o colorido varía muito.

Alimenta-se principalmente de mammiferos pequenos, aves mortas, reptis e peixes.

Vive isolada proximo dos pantanos, das lagoas e das ribeiras. Conserva-se muitas horas immovel, esperando que a presa se colloque ao alcance, voando raras vezes durante o dia e só de manhã e á tarde para procurar alimento.

Domestica-se com facilidade. João Rodrigues Ferreira.

(Continúa)

NOTAS SOLTAS

É tão impossivel manchar a verdade por qualquer toque exterior como é impossivel manchar um raio de sol

Milton.

O silencio é a virtude que as mulheres respeitam mais e praticam menos. Mme Remusat.

A juventude nunca desconfia de si, ao contrario da velhice que desconfia sempre de todos. De Nogent.

UM TORPEDO INTELLIGENTE [1]

IV

HISTORIA MILITAR DOS TORPEDOS

Não vamos dar aqui uma noticia circumstanciada de todas as acções em que o emprego dos torpedos foi tentado e realisado com consequencias mais ou menos decisivas. Ao assumpto não falta interesse; mas julgâmos sufficiente referir-nos aos factos mais frisantes da historia d'essas tentativas, dando a preferencia áquelles que nos permittem exemplificar os grupos mais importantes da classificação anteriormente apresentada.

A lucta separatista dos Estados da America, onde os torpedos, habilmente utilisados pelos Confederados, lograram, com os seus desastrosos effeitos, lançar a hesitação e o desanimo entre os Federaes, fazendo-lhes perder mais de vinte navios, veiu revolucionar completamente a arte da guerra, accentuando d'uma maneira inconcussa a extraordinaria efficacia do emprego dos torpedos como meio de ataque e defensa.

A explosão dos primeiros fornilhos impressionou de tal modo os Federaes, que, no auge da indignação, acossados pela surpreza e pelo medo, não hesitaram em apodar os seus inimigos de assassinos sem religião e sem honra.

Na verdade, tanto é para temer o effeito dos torpedos, que, muitas vezes, tem bastado ao inimigo o conhecimento da sua existencia para cautelosamente se abster da realisação de planos de ataque, que, habilmente delineados e executados com felicidade, representariam a perda da defensa. Podem confirmal-o os Austriacos, que, em 1859, graças á defensa submarina dos arredores de Veneza, e principalmente das barras do Lido e do Malamocco, organisada pelo coronel Ebner, evitaram, d'um modo bem simples, serem atacados pela esquadra italiana. — Um exemplo ainda mais frisante nos offerece a guerra do Chili com o Peru. Bombardeado desde 12 de maio de 1880 e sempre rigorosamente bloqueiado, Callao foi emfim tomado pelos Chilenos, a 18 de janeiro de 1881. N'este mesmo dia, a corveta peruana *União* tentou escapar-se, para o que, contando com o seu veloz andamento, quiz forçar o bloqueio; porém, quando ía a saír da enseada, quatro torpedeiros chilenos partiram a toda a força para lhe impedir a marcha. Vendo isto, o commandante da corveta desistiu da sua empreza; foi, de preferencia, encalhar na embocadura do Rimat, destruindo ahi o navio pela dynamite, e lançando, em seguida, fogo aos destroços do casco.

Poderá, de algum modo, justificar-se este procedimento tão estranho? Para a apreciação do facto talvez encontremos materiaes nos apontamentos que vamos dar sobre a historia militar dos fornilhos subaquaticos.

Começaremos por um exemplo de torpedos *dormentes*, que nos proporciona a guerra separatista dos Estados da America A 6 de maio de 1864, o *Commodoro Jones*, navio dos Federaes,

[1] Vide n.os 9, 11 e 13.

foi completamente feito pedaços em consequencia da explosão de um enorme torpedo collocado pelos Confederados n'uma das voltas do rio James. Todos os tripulantes ahi encontraram a morte, envolvidos na nuvem de estilhaços que a explosão originou.

Na guerra do Brazil com o Paraguay, as primeiras victorias alcançadas pela marinha brazileira fizeram com que se resolvesse em conselho que as esquadras alliadas subissem o Parana para serem as defensas paraguaynas tomadas de revez. Reconhecidas as difficuldades da empreza e concebido novo plano de ataque, a esquadra brazileira penetrou, a 1 de setembro de 1866, nas aguas do Paraguay. No dia seguinte, quando o *Rio de Janeiro*, um dos 18 navios que formavam a esquadra, chegou á altura de Curuzu, tocou simultaneamente em duas boias d'uma linha de torpedos *profundos*, perdendo-se quasi instantaneamente. Era um magnifico couraçado de 65 metros de comprimento, com uma machina ingleza de 200 cavallos, e um reducto blindado elevando-se mais de 2 metros acima do convez e armado de oito peças estriadas de grosso calibre.

Nos primeiros dias de outubro de 1877, os Russos, em guerra com os Turcos, resolveram atacar Soulina; o general Verekfine confiou tal empreza ao capitão-tenente Dikoff que, commandando uma esquadrilha especialmente organisada com este fim, saíu de Vilkovi na manhã de 5 de outubro, indo tomar posição na frente d'uma linha de torpedos *altos*, previamente estabelecida no braço de Soulina a 12 milhas da foz. A 9 de outubro tinha Dikoff organisado, junto mesmo de Soulina, uma nova linha dos mesmos torpedos com o fim de barrar o rio aos Turcos, e permittir aos navios russos approximarem-se da praça com toda a segurança. Então, a bordo do *Voronn*, que era precedido pelo rebocador *Opyt* servindo de esclarecedor, começou a descer o rio para ir engajar a acção n'um ponto favoravel do golfo.—A vista do *Opyt*, os navios turcos, que eram o couraçado *Kkifzy-Rahmann*, o *Kartall* e a *Soune*, prepararam-se para o combate. Seriam 8 horas da manhã. Emquanto o *Kartall* subia o rio ao longo da margem sul, a *Soune* seguia a outra margem sustentando um energico fogo de mosqueteria. De subito, n'uma volta do rio, tocou, com o costado de estibordo, n'um torpedo da linha russa. Em dois minutos, foi a pique; ficou atravessada no rio, com o convez coberto de agua até á ponte, desarvorada do mastro grande, e com o mastro de mezena partido, mas aprumado; as peças de prôa, incluindo a Krupp do castello, foram desmontadas e lançadas á agua; uma das caldeiras voou em estilhaços. Morreu o immediato, que ía no castello de prôa, e desappareceram dez marinheiros, encontrando-se cinco gravemente feridos ou queimados; o immediato do *Moukhadem-Khaïr*, que, na ponte da *Soune*, acompanhava o commandante d'este navio, ficou muito maltratado por ter caído no porão. Os outros tripulantes salvaram-se a nado, sendo recolhidos pelo *Kartall*, que apressadamente se refugiou em Soulina.

Por occasião da guerra separatista, a 9 de dezembro de 1864, uma esquadrilha de navios de madeira subia, com extremas precauções, o rio Roanoke; repetiam-se os reconhecimentos no rio em todas as direcções, as sondagens eram cuidadosas e amiudadas, empregavam-se emfim todos os meios tendentes a evitar um desastre. A despeito de taes medidas de segurança, um torpedo *fluctuante*, encontrando o *Otsego*, destruiu-o immediata e completamente. Outro navio da esquadrilha, o *Bazeley*, correndo em auxilio da tripulação do *Otsego*, soffreu a mesma sorte. Assim enfraquecida, a esquadrilha federal recuou aterrada.—Na noite de 15 de janeiro de 1865, outro torpedo *fluctuante* destruiu, nas aguas de Charleston, o monitor federal *Patapsco*, perdendo a vida, n'esta catastrophe, 62 combatentes, entre officiaes e marinheiros.

A guerra turco-russa, que foi fertil em casos de feliz applicação das machinas de guerra de que nos estamos occupando, vae dar-nos um exemplo de torpedos *de antenna*. Em a noite de 25 para 26 de maio de 1877, estavam fundeados no braço do Danubio que tem o nome de Matchin, um pouco a montante da cidade do mesmo nome, varios navios turcos, entre elles dois monitores de torres, dos quaes um era o *Douba-Seifi*, armado com duas peças Krupp de 12, e tripulado por 60 homens. Os Russos, decidindo destruir estes navios, formaram uma esquadrilha de ataque com 4 chalupas a vapor: a *Cesarewitch*, tripulada por 14 homens e commandada pelo tenente Dubasoff; a *Xenia*, tripulada por 9 homens e commandada pelo tenente Shestakoff; a *Djigit*, tripulada por 8 homens e commandada pelo aspirante Peroine; a *Csarewna*, com 9 homens e o aspirante Ball.—No relatorio de Dubasoff vamos encontrar a descripção do que se passou:

«Organisada a nossa esquadrilha com um total de 40 marinheiros, partimos de Brailoff e dirigimo-nos ao Matchin, onde entrámos em linha de combate.

«As nuvens, que cobriam o céu, prejudicavam, e bastante, o effeito do luar; mas a noite não estava absolutamente escura, e uma bella briza, soprando de noroeste, levava ao inimigo o ruido da nossa marcha.

«Ordenando a Shestakoff que me seguisse, dirigi-me para o monitor mais proximo. Os Turcos, descobrindo-nos a meio caminho, arremessaram-nos tres projecteis, mas inutilmente. Antes de dispararem o quarto tiro, estava eu por bombordo do navio, e feria-o entre a pôpa e o meio do costado. A agua, elevando-se dos lados do monitor, cobriu a minha embarcação; os estilhaços caídos sobre ella permittiram-me julgar que eram consideraveis os estragos do navio turco. Com effeito, elle afundava-se a olhos vistos; a tripulação, fugindo para a prôa, recomeçava ahi o fogo.

«Tratando de esgotar a agua que invadíra a *Cesarewitch*, ordenei a Shestakoff que lançassem sobre o inimigo outro torpedo. Aquelle official avançou rapidamente para o navio, e atacou-o um pouco á ré da torre. Como da primeira vez, o effeito foi terrivel, e, sobre a *Xenia*, vieram caír pedaços da mobilia dos camarotes. O monitor desappareceu em menos de dez minutos.

«Eram tres horas da manhã; despontava a aurora. Apesar dos commandantes da *Djigit* e da *Cesarewna* quererem a todo o transe atacar os outros monitores turcos, ordenei a retirada, durante a qual choveu sobre as nossas embarcações o fogo inimigo. Mas, felizmente, em toda esta audaciosa empreza, não morreu nem se feriu um unico dos nossos.

«Pouco depois, o Danubio voltava á sua natural tranquillidade, e apenas se ouvia o coaxar das rãs, no seu eterno e monotono concerto.»

Em a noite de 25 de janeiro de 1878, o capitão Makaroff, commandante do *Konstantin*, vindo fundear em Poti, e chegando-lhe a noticia de que a esquadra turca estava toda nas aguas de Batoum, resolveu atacal-a immediatamente. A quatro ou cinco milhas de Batoum, pelas 11h20', lançou ao mar duas chalupas armadas de torpedos *Whitehead*, a *Tchesmé* e a *Sinope*. A entrada da bahia estava um navio vigia, e, pela pôpa d'este navio, perfilava-se um grande numero de navios ancorados. Depois de muito tempo de silenciosa marcha, os Russos chegaram a 60 ou 80 metros do vigia; então a *Tchesmé* lançou-lhe um torpedo a estibordo, na direcção do mastro grande; ao mesmo tempo, a *Sinope* dirigia-lhe outro um pouco mais para a prôa. A explosão dos dois Whitehead foi simultanea, e uma negra columna de agua se elevou até meia altura da mastreação do navio. Em seguida desapparecia o casco, e, por ultimo, os mastros. Dois minutos depois, uma massa de destroços convulsivamente agitados n'um doido redemoinho constituia o unico vestigio do que se havia passado. As 3h15', as duas chalupas eram içadas a bordo do *Konstantin*.

Não iremos mais longe nas nossas investigações sobre a historia militar dos torpedos. Poderão acaso os factos que deixâmos registados explicar o procedimento do commandante da *União*? Quando o não possam, servirão ao menos a deixarnos suspeitar que as exclamações indignadas dos Federaes, esses gritos de desespero e terror, tinham, porventura uma certa razão de ser.

JAVDAC.

CORAÇÃO TRISTE FALLANDO AO SOL

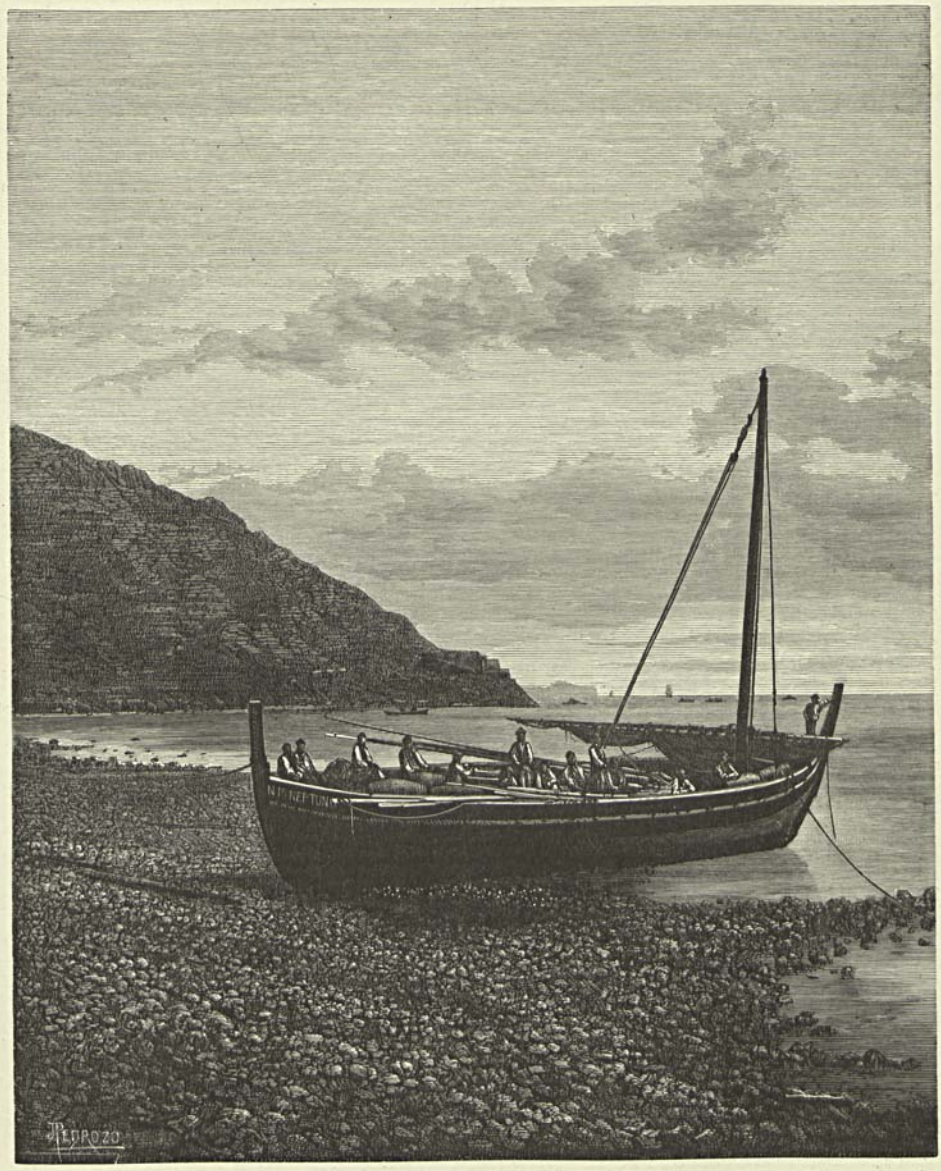
(versão do chinez)

No arvoredo sussurra o vendaval do outono
Deita as folhas á terra, onde não ha florir,
E eu comtemplo sem pena, esse triste abandono;
Só eu as vi nascer, vejo-as só eu caír.

Como a escura montanha, esguia e pavorosa
Faz, quando o sol descamba, o valle ennoitecer,
A montanha da alma, a tristeza amorosa,
Tambem d'ignota sombra enche todo o meu ser.

Transforma o frio inverno a agua em pedra dura,
Mas torna a pedra em agua um raio de verão;
Vem, ó sol, vem, assume o throno teu na altura,
Vê se pódes fundir meu triste coração.

MACHADO DE ASSIS.



BARCO DA ILHA DA MADEIRA

ILHA DA MADEIRA

Situada no Oceano Atlantico a 32°39′ latitude N. e 7°50′ longitude O., a ilha da Madeira, forma com a do Porto Santo, as tres Desertas, as duas Selvagens e alguns ilhotes de somenos importancia, o pequeno archipelago do mesmo nome, distando o seu extremo NO. 950 kilometros do cabo da Roca.

Tem a ilha da Madeira 32 milhas geographicas de comprimento de E. a O. desde a Ponta do Pargo até á de S. Lourenço, e 12 milhas, na maior largura, desde a Ponta da Cruz até á Ponta de S. Jorge; avalia-se a sua superficie em 650 kilometros quadrados approximadamente. Foi descoberta em 1419 por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, cavalleiros da casa do immortal infante D. Henrique, tendo-o sido a do Porto Santo em 1418, e apresenta a figura de um pentagono irregular. Uma serrania, ou cordilheira de 1:200 à 1:700 metros de altura media, atravessando-a de um a outro extremo E. a O., e descendo de um e outro lado até o Oceano constitue como que o espinhaço da ilha, e a divide em duas distinctas regiões, a do N., penhascosa e alpestre, ostentando em partes opulenta e vigorosissima vegetação, e a do S. mais amena, igualmente pittoresca e de admiravel fertilidade.

Resultado, segundo a opinião mais seguida, de violenta acção vulcanica submarina, como o indicam os elementos geologicos das suas montanhas e rochas, a *Flor do Oceano,* como á ilha da Madeira chamam muitos viajantes, gosa de um clima privilegiado, que não tem acaso rival no mundo.

Eis como a esse respeito se exprime o sr. dr. F. A. Barral, no seu magnifico livro intitulado *Noticia sobre o clima do Funchal.*

«Em geral uma temperatura quasi uniforme e sempre moderada durante o dia, pouco vento que não incommoda, as horas do calor modificadas por algumas nuvens que abrandam os raios do sol, e pela viração do mar; nunca frio notavel; chuvas ás vezes abundantes, mas passageiras, e deixando logo o terreno em estado de se poder passeiar; uma atmosphera em que se não sente humidade nem poeira ou effluvios incommodos. Tudo isto dá logo a idéa de um clima excepcional e proprio para o tratamento de padecimentos chronicos, em constituições delicadas; e no homem do norte, que fugindo ao rigor de um clima inhospito ali aborda no inverno, e encontra uma extensa vegetação em pleno vigor, em que figuram muitas das mais bellas e uteis plantas de todos os climas, produz o effeito maravilhoso de um d'esses paraizos imaginados e descriptos pelos poetas.»

Pelas condições que deixâmos apontadas tem sido e é a ilha da Madeira de contínuo visitada por grande numero de forasteiros, entre os quaes se contam monarchas, principes e outros personagens.

Não é sómente a ilha da Madeira notavel pela sua afamada belleza e proverbial salubridade, mas tambem pela soberba posição geographica, que a torna ponto de escala quasi obrigada de numerosas linhas de paquetes, e pela excellencia das suas producções agricolas, entre as quaes occupou outr'ora, e fiâmos que tomará de novo o primeiro logar, o vinho, que é, geralmente, considerado como um dos mais finos e generosos que se conhecem.

A população da ilha da Madeira é, segundo o censo de 1878, de 131:473 habitantes distribuidos por 28:522 fogos; a de todo o archipelago, de 132:221 habitantes em 28:957 fogos. Os nascimentos estão na rasão de 1 para 26; e os obitos, na de 1 para 41.

O archipelago da Madeira, está organisado como districto administrativo, e tem dez concelhos, a saber: Calheta, Ponta do Sol, Porto Moniz, Santa Anna, Santa Cruz, S. Vicente, Camara de Lobos, Funchal, Machico e Porto Santo.

A capital da ilha, e que dá o nome ao districto, é a cidade do Funchal, que conta cêrca de 20:000 habitantes.

É séde de um bispado, suffraganeo do patriarchado de Lisboa; tem um seminario, lyceu, escola medico-cirurgica, e bastantes aulas de instrucção elementar. No Funchal, estão aquartelados o regimento de caçadores n.º 12, e a companhia n.º 3 de artilheria de guarnição.

Os habitantes da ilha da Madeira são, em geral, doceis, hospitaleiros, amantes do trabalho, e mui habilidosos, podendo tornar-se em excellentes artistas quando se lhes proporcione a instrucção profissional de que carecem. A classe elevada sobresáe ali pela sua esmerada educação e variados conhecimentos.

São muito apreciados, em toda a parte os trabalhos dos madeirenses em flores de cera e de pennas, bordados, rendas, objectos de palha e de verga, artigos varios de ceramica, etc.

Segundo o inquerito de 1882 havia no archipelago 1:407 estabelecimentos industriaes, em que se comprehendiam: 559 teares de linho e lã; 36 moinhos de expremer canna doce, sendo em 15 a força motriz animal, em 18 hydraulica, e em 2 vapor; 5 moinhos de moer peros; 369 de moer cereaes; 8 fornos de cal; 5 de olarias; 39 estufas de melhorar vinho; 47 lagares de oleo de baga de louro; 185 de vinho; 15 fabricas de distillação; 4 de refinação de assucar; 61 de cortumes; 2 de sabão; 3 de chapéus de palha, etc. As profissões industriaes são exercidas por 19:865 homens e 2:308 mulheres.

O movimento commercial da ilha da Madeira é já muito valioso, tende a augmentar, e deve attingir grandissima importancia quando se trate de desenvolver discretamente os germens de riqueza, que superabundam n'aquelle abençoado solo.

A nossa gravura, que devemos, como tantas outras, á bizarria do nosso amigo e eximio gravador o sr. Joãq Pedroso, representa uma deliciosa vista de Machico; no primeiro plano vê-se uma das pequenas embarcações, de coberta, que se empregam na navegação costeira, e ainda na travessia para o Porto Santo.

PEREIRA E SOUSA.

A RIQUEZA E A MISERIA NA GRAN-BRETANHA

IV

Ha em Inglaterra bastantes fortunas adquiridas na industria, e é d'este assumpto, bem como de certas circumstancias que lhe dizem respeito, que trataremos no presente capitulo.

A Inglaterra é um paiz essencialmente industrial. Se a natureza lhe negou a fecundidade do solo, que é em geral ingrato e pouco adaptado á agricultura, possue em compensação minas riquissimas, que fornecem a materia prima a um grande numero de industrias, e tem sobretudo o carvão de pedra, que, pelo seu preço relativamente modico, é o combustivel mais apropriado para pôr em movimento os innumeros machinismos que dependem exclusivamente do vapor, e que na actualidade são empregados em todos os paizes e em quasi todas as industrias.

São portanto numerosas as suas fabricas, valiosissimos os capitaes n'ellas empregados e avultadissimas tambem as fortunas obtidas nas explorações da industria por alguns subditos britannicos, aos quaes seria bem applicado o epitheto de Plutus industriaes; mas a classe operaria, que se compõe de centenas de milhares de individuos de ambos os sexos, não é em geral remunerada na proporção dos lucros auferidos por aquelles que os empregam e se utilisam do seu trabalho. Ha mesmo algumas industrias em que o operario arrasta uma vida tão miseravel que, trabalhando dez ou doze horas por dia, ganha apenas o estrictamente indispensavel para não morrer de fome.

Quando qualquer causa accidental determina o augmento do preço dos generos de primeira necessidade, o operario vê-se forçado a solicitar o augmento de salario, augmento que nem sempre lhe é concedido, e d'ahi a origem de uma serie de calamidades em que é elle sempre quem soffre as peiores consequencias.

Para fazerem valer as suas pretensões e no intuito de constrangerem os proprietarios das fabricas a acceder aos seus pedidos, os operarios abandonam o trabalho, colligam-se, constituem-se em gréve; mas os patrões, se são ricos, podem prescindir por

bastante tempo dos lucros que auferiam, ou mesmo dispensal-os inteiramente, de contrario, tratam de angariar obreiros n'outras localidades, offerecendo-lhes certas vantagens e regalias, que muitas vezes tinham recusado aos antigos. Estes querem impedir a entrada nas officinas aos recentemente engajados, originam-se conflictos, começam as desordens; é chamada a força publica, que intervem, como é natural, a favor dos patrões, e os grevistas que cáem nas garras da justiça são punidos pelos crimes de ataque á liberdade individual, motim, sedição, etc.

É isto o que tem succedido bastantes vezes em Inglaterra, e ainda que não seja propriamente este o assumpto de que desejâmos tratar, sempre diremos alguma cousa sobre elle, visto haver uma certa correlação com a materia em que entrámos.

Em Inglaterra têem sido frequentes as gréves *(strikes)*, tornando-se notaveis as de 1829 e 1840, que tiveram então um caracter de guerra declarada aos fabricantes e industriaes e foram seguidas de assaltos á propriedade, assassinios e incendios; comtudo não tiveram o caracter de generalidade; eram apenas manifestações locaes, em que não tomavam parte senão os operarios de uma determinada industria, que se insurgiam contra as prepotencias que certos industriaes intentavam exercer sobre elles; por isso não trataremos senão da gréve de 1853, que pela sua espontaneidade, pelas sympathias que desde o seu começo alcançou em toda a Gran-Bretanha e pela generalidade das industrias que n'ella tomaram parte, ficou sendo a mais memoravel de todas que ali tem havido até hoje. É essa, pois, que tentaremos descrever, reportando-nos aos jornaes da epocha, que publicaram curiosissimas informações ácerca d'esse notavel acontecimento.

Os annos de 1853 e 1854 foram fecundos para a Inglaterra em factos que merecem a attenção dos economistas pela luz que lançam sobre os recursos da industria ingleza e sobre o estado moral da população manufactureira que n'ella se occupa. As alterações introduzidas alguns annos antes por sir Robert Peel na legislação do paiz, prendem de certo modo com os acontecimentos de que a Inglaterra foi theatro, e offerecem ao mesmo tempo occasião de apreciar quaes os resultados d'essas reformas, tanto sob o ponto de vista economico como moral.

Ninguem ignora o prodigioso impulso que o commercio e a industria tiveram em Inglaterra depois do estabelecimento do novo regimen commercial. A navegação e a agricultura estimuladas pela concorrencia e favorecidas pela prosperidade geral, longe de succumbirem aos desastres que lhes haviam sido prophetisados, entraram igualmente n'uma phase de progresso e de lucros inesperados. Comtudo, se os industriaes, os negociantes, os armadores de navios, e todos emfim que podiam dispor de algum capital aproveitaram largamente da actividade e impulso dado ao commercio, havia ao lado d'elles uma classe bem mais numerosa que estava longe de estar satisfeita com os resultados do novo systema—era a classe obreira. Tinham-lhe afiançado que as reformas projectadas redundavam em seu proveito, e que a primeira consequencia da sua applicação seria tornar-lhe a vida mais barata pela reducção do preço de todos os generos mais essenciaes á vida.

Na lucta contra as velhas leis os promotores e partidarios das novas reformas tinham solicitado o concurso do povo, proclamando bem alto que elles trabalhavam para lhes diminuir as suas miserias. É provavel que muitos o dissessem de boa fé, mas, seja como for, os resultados na pratica não corresponderam ao que se esperava. Tentaremos proval-o.

PEDRO FREITAS.

A TOLERANCIA NA ASSOCIAÇÃO

É indubitavel que entre nós têem derivado do principio associativo excellentes resultados, sobretudo desde quando mais a fundo se comprehendeu o que é e vale a associação.

Procurando o verdadeiro agente d'esta grande evolução economico-social, facilmente o reconhecemos na plena liberdade de que desfructa o nosso paiz.

Mas, bastará a liberdade para auferirmos todos os bens de que precisâmos? Não, certamente. Carecemos, e muito, de um outro elemento activo, qual é a existencia de poderes constituidos, reconhecidamente probos, illustrados e rectos, para que proporcionem a todas as classes o goso pacifico dos fóros e regalias emanados da liberdade, e a que respectivamente todos têem direito.

Ora, havendo uma e outra cousa, era consequencia logica estarem as associações na sua generalidade em condições de promettedora existencia. Não o estando, que se póde inferir? É que, a nosso ver, existe a falta de um como que regulador entre os referidos agentes; é que ainda falta na associação a *tolerancia*, essa sublime virtude, esse inapreciavel dote que tanto ennobrece o homem que o possue.

Entre os auctores que têem escripto sobre este importante assumpto conhecemos um, que no seu livro de oiro (assim chamado pelo ameno cantor da «Primavera»), tratando da tolerancia como germen da *fraternidade do genero humano*, nos offerece bellissimos exemplos.

Extractaremos os seguintes:

«De todos os laços terrestres, os que unem o esposo á esposa, os paes aos filhos, os irmãos aos irmãos, são os mais respeitaveis e os mais fortes.

«Essa esposa, por mais virtuosa e extremosa que seja, ha de ter imperfeições, e não ha de pensar e sentir em tudo como nós, nem nós como ella.

«Essa familia, ainda que se componha de irmãos os mais unidos, de filhos os mais affectuosos, ha de ter defeitos, diversos genios, inclinações, gostos diversos; e que é aquillo que lança, sem se perceber, um véu sobre taes imperfeições; que nos torna quasi imperceptiveis aquelles defeitos; que remedeia a differença dos gostos, a disparidade dos genios, senão a tolerancia?

«Não havendo tolerancia não ha laços que se não rompam, amisade que se não quebre, harmonia que se não perturbe. Tirae esta engenhosa e prudente medianeira, e a divisão nascerá entre aquelles que em maior união estão vivendo. Tirae esta temperatura benefica, este orvalho matutino á estação das flores, e vereis como ellas murcham.»

Em face de tão conceituosos pensamentos não ha duvidar que em nossa mão, no poder de todos que

vivem pelo trabalho livre e honesto, está a sua propria felicidade.

Arremessemos para longe obsoletos preconceitos e vis paixões; fulminemos o exclusivismo; respeitemos as opiniões esclarecidas, desviando os olhos d'onde ellas partam; tenhamos, resumindo, tolerancia uns para com os outros como verdadeiros amigos, quer na familia, quer na associação, e d'est'arte obteremos o desejado fim, que é a nossa conservação honrosa e feliz, e d'aqui tambem a de nossos filhos, essa nova geração para a qual estamos de certo trabalhando.

Com taes elementos alcançaremos, outrosim, a federação das associações, e eis um novo meio de fomentar o seu engrandecimento, a sua maior utilidade.

Sob estes fundamentos, e com muita proficiencia, se tratou d'este assumpto nos congressos reunidos, não ha muito, na camara municipal de Lisboa. Baldado empenho, porém!... E porquê? Por que faltou ali tambem a tolerancia politica.

Compenetrem-se d'esta verdade os iniciadores de tão excellente obra e os que n'ella cooperaram leal e sinceramente.

Se, porventura, fosse recomeçada a tarefa —postas de parte as questões desviadoras do principal objectivo para que se congregaram então as associações— temos não só como provavel, mas possivel, o conseguimento da cura radical aos males de umas associações, e do completo bem estar de outras, especialmente d'aquellas cujo maior numero de associados pertença ás classes industriaes.

Abandonar inteiramente a idéa da federação das associações, ou oppor-lhe obstaculos de qualquer ordem que sejam, seria alimentar o obscurantismo que ainda affecta uma parte d'essas classes; seria inutilisar os muitos e penosissimos sacrificios que custaram esses mesmos bens que desfructam; seria, finalmente, desconhecer a sua grande força quando acertadamente dirigida.

José Antonio Dias.

CHRONICAS VULGARES

NOTAS PARDAS

VI

Fallemos ainda das festas.

Como viram na minha ultima chronica, eu não fui contra ellas. Se bem me lembro fui mesmo a favor, e achava bem que se tivesse divertido quem houvesse podido fazel-o. É-me portanto licito, agora que de todo se extinguiram os ultimos echos que ellas despertaram, e depois de termos assistido ao que se fez, lembrar aqui—aquillo que se não fez.

Irão dizer que tenho má lingua? Paciencia; mas se attentarem bem talvez achem que tambem tenho rasão.

Assim, todos nós assistimos á parada, todos fomos ao fogo, e d'esta vez póde dizer-se que se correu a foguetes, todos vimos o cortejo, alguns assistiram ás corridas, outros —os felizes— estiveram na tourada, mas onde ninguem esteve foi n'uma exposição, mas o que ninguem viu foi uma festa de trabalho.

Os forasteiros poderam apreciar como nós nos divertimos, sómente não conseguiram ver como é que trabalhâmos.

Uma exposição da moderna pintura portugueza, um certamen de objectos de industria nacional, uma visita official aos museus, ás fabricas, ás escolas, isso a ninguem lembrou.

Teria, por exemplo, sido verdadeiramente instructivo e bello promover uma exposição da louça das Caldas, uma outra das nossas industrias caseiras; fôra tambem igualmente pittoresco e curioso realisar uma festa maritima complementar de uma respectiva exposição dos nossos barcos de pesca, dos nossos systemas de armações das faluas, dos saveiros e de todos os barcos emfim genuinamente portuguezes que possuimos, e finalmente o celebre museu commercial, que anda para se abrir devêra ter sido inaugurado n'esta occasião.

Ao mesmo tempo poderia ter-se aproveitado o ensejo para lançar os fundamentos de alguma instituição seria como uma escola popular industrial e profissional, uma sala infantil de trabalho e de estudo, qualquer cousa emfim delicada e util, embora para isso houvesse necessidade de se restringir o numero dos foguetes ou se *vissem* mesmo algumas luminarias a menos.

Nós bem sabemos que os poucos museus que temos estiveram abertos, e ainda durante as festas se patenteou mais um —o colonial; mas não se deu a essas visitas o caracter festivo e nacional que ellas deveriam ter, e desprezou-se a occasião para alguma cousa de mais se fazer tambem.

E todavia seria esta a melhor maneira de conservar vinculada a alguns bellos actos, uma data que se desejava registar, e cremos até que nenhumas festas, por mais deslumbrantes que fossem, conseguiriam empanar o brilho que resaltaria d'estas.

De resto, oxalá que qualquer cousa ainda se possa fazer n'este sentido, para se juntar a algumas das poucas sinceramente uteis que se fizeram, e que se cifram na instituição de premios com que uma outra corporação entendeu, e muito bem, que deveria solemnisar o casamento do principe real, saindo assim da linha batida dos bodos, acto muito sympathico, mas infelizmente de effeitos muito restrictos, e na inauguração de uma associação protectora dos interesses da classe operaria, de que fallaremos com mais vagar.

E como a chronica precisava fechar com uma idéa consoladora e grata, fica sabendo, leitor amigo, que n'este mesmo ponto de vista, e differindo apenas em partirem de um nome glorioso e querido, eram as considerações que Ramalho Ortigão n'alguns inolvidaveis minutos da sua palestra scintillante e proveitosa, fez sobre o assumpto com que hoje te vim cansar a paciencia.

Depois do que, poderão os criticos rir á vontade.

Ri-mal.

AVES E ALMAS

(De V. HUGO)

A andorinha que vem nas auras com o abril
Ama da velha torre o portico senil,
Prefere a toutinegra, ó minha bem amada,
A arvore frondente e a sombra da ramada,
O musgo, ou o calor d'um tecto paternal
Que formam entre si as folhas d'um rosal.
A avesinha assim faz; e nós n'um casto asylo
Buscâmos, na cidade, em sitio o mais tranquillo
Onde possa escondido estar o nosso lar,
Rua em que rara vez se vê alguem passar;
Ou buscâmos, na aldeia, o atalho do poeta,
Nos bosques, a clareira incognita e secreta
Onde o silencio absorve os echos do rumor!...
. . . . . .
Esconde a ave o ninho e nós o nosso amor.

Alvaro de Castellões.

EXPEDIENTE

Recebemos e muito agradecemos o *Anti-Christo*, de Gomes Leal, editado pelo nosso bom amigo Alberto de Oliveira; *Lyra meridional*, por Antonio de Azevedo Castello Branco; *Aguarellas e aguas fortes*, por Acacio Antunes; tres livros de versos de auctores conhecidos, dos quaes fallaremos brevemente.

Pedindo desculpa aos nossos estimaveis assignantes do atrazo com que é distribuido este numero, afiançâmos-lhes que faremos todo o possivel para que tal facto se não repita.

Imprensa Nacional